

## Da poética do lugar em Mário de Andrade, Claude Lévi-Strauss e Graciliano Ramos

Profa. Msc. Cristiane Marques Machado<sup>i</sup> (UFPA)

### Resumo:

*O presente trabalho busca desenvolver estudos em Literatura Comparada como literatura de espaço, estabelecendo representações da alteridade por meio das noções de estrangeiro, de Julia Kristeva, e de exotismo, de Victor Segalen. Tais representações emergem da leitura das seguintes obras: **Angústia** (1936), de Graciliano Ramos; **O turista aprendiz** (1977), de Mário de Andrade; e **Tristes trópicos** (1955), de Claude Lévi-Strauss. Cada uma delas traduz, à sua maneira, formas e modos de percepção do real circundante que a escritura transforma em fábula do lugar.*

**Palavras-chave:** estrangeiro, exotismo, deslocamento, subjetividade, alteridade

### 1 Introdução

A aproximação de **Tristes trópicos**, **O turista aprendiz** e **Angústia** se justifica por uma série de motivos como, por exemplo, a contemporaneidade dos autores Graciliano Ramos (1892-1953), Mário de Andrade (1893 a 1945) e Claude Lévi-Strauss (1908-2009). O fato de serem contemporâneos talvez tenha facilitado não apenas a recorrência de certas temáticas em suas obras, como o estabelecimento de vínculos profissionais, de afeto, admiração, etc. Entre Mário e Graciliano, isso era mais previsível na medida em que ambos eram tanto escritores como compatriotas.

Já a amizade confessa entre Mário e Lévi-Strauss, comprovada por sua correspondência (recentemente foi publicada a tradução de quatro cartas inéditas trocadas entre ambos no “Caderno Mais” da Folha de São Paulo), desenvolveu-se, sobretudo, pelo fato de o primeiro ocupar um cargo na prefeitura de São Paulo justamente na ocasião em que o segundo trabalhava na USP junto a outros professores estrangeiros. Diz-se, aliás, que as expedições do etnógrafo Lévi-Strauss às tribos indígenas brasileiras não teriam sido possíveis sem a influência política e o empenho de Mário.

Claude Lévi-Strauss, por sua vez, teve a oportunidade de empreender expedições etnográficas ao interior do Brasil e de se deparar com comunidades indígenas tropicais. Vê-se, então, que o fascínio pela cultura do Outro, em ambos os casos, era tão notável para ambos que as próprias funções que exerciam intelectual e profissionalmente não deixavam de estar atreladas à questão da Alteridade.

O aspecto temporal na criação das obras também merece destaque pelo seguinte: as viagens feitas por Mário de Andrade ao norte e nordeste do Brasil datam, como dissemos, do período de 1927 a 1929. Os dois diários decorrentes dessas viagens nunca chegaram a ser definitivamente organizados pelo autor, tendo sido suas notas reescritas apenas em 1942, três anos antes de sua morte e quase 15 anos após sua experiência de deslocamento. A publicação póstuma de **O turista aprendiz** só viria a acontecer no ano de 1977. Por sua vez, a obra **Tristes trópicos**, foi publicada originalmente em Paris, pela editora Plon, em 1955.

Esses 15 anos de décalage referidos por Lévi-Strauss correspondem, então, mais ou menos, ao mesmo intervalo que separou a experiência de deslocamento de Mário da reescritura de suas notas de viagem.

Nesse sentido, outros elementos, desta vez textuais, vêm corroborar não apenas para se estabelecer uma comparação entre essas duas obras, mas para também incluir **Angústia** no presente

estudo.

Ao estabelecermos uma análise comparatista de **O turista aprendiz**, **Angústia** e **Tristes trópicos**, empregando as noções de estrangeiro e de exotismo, nosso intuito foi o de apresentar suas semelhanças ou “parecências” (como preferiria o turista Mário) no que diz respeito à temática de um sujeito que, estranhando-se a si mesmo e movido por um sentimento de exotismo, sai de si e do lugar em que se situa em busca do Outro e de paisagens outras.

Apesar de estarmos lidando com obras aparentemente diferentes entre si, seus narradores, todos em primeira pessoa, se apresentam como sujeitos que experimentam, em função de seu deslocamento, o exotismo como dialética do exterior e do interior, ou seja, experimentam a dialética da geografia e da subjetividade. Nesse sentido, todos eles passam por um processo de desenraizamento, ora mais ora menos profundo, provocado pelo deslocamento no espaço. Eis o que diz Lévi-Strauss sobre a vida de etnógrafo:

Suas condições de vida e de trabalho o isolam fisicamente de seu grupo por longos períodos; pela brutalidade das mudanças a que se expõe, ele adquire uma espécie de desenraizamento crônico: nunca mais se sentirá em casa, em lugar nenhum, permanecerá psicologicamente mutilado. (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 53).

Se tomarmos os casos de Mário e Lévi-Strauss, o caráter confessional é evidenciado em textos que se parecem não apenas pela temática óbvia da expedição, mas também pela forma de relatar a experiência da viagem. Ambos escrevem em primeira pessoa e se comprometem historicamente com o que dizem, como autores, homens de seu tempo, estabelecendo, apesar das evidentes diferenças de estilo, um discurso autobiográfico, confessional.

Quanto ao romance **Angústia**, apesar de não se constituir propriamente como um relato de viagem do escritor Graciliano Ramos, temos, em vez disso, um narrador-protagonista em primeira pessoa sob a pele do retirante e aspirante a escritor Luís da Silva. Também aqui, temos a presença do confessional compondo a narrativa de uma personagem marcada pela questão do deslocamento.

Como se pode notar, embora os pontos de partida e chegada difiram entre si, o certo é que há, nessas obras, uma experiência inegavelmente relacionada com o espaço.

Todos esses aspectos nos levaram a pressupor que haveria, nestas obras, motivos de sobra para aproximá-las.

Ao analisarmos os textos do corpus, tentamos extrair de cada um deles sua aparência ou carapaça de estrangeiro: (anti)turista (Mário de Andrade), retirante (Luís da Silva) e etnógrafo (Lévi-Strauss).

## 2 O antiturista Mário

No caso de Mário de Andrade, temos, em **O turista aprendiz**, a confirmação/confissão de que ele não fora feito para viajar fica clara quando se dizia de psicologia antiturista.

Durante esta viagem pela Amazônia, muito resolvido a... escrever um livro modernista, provavelmente mais resolvido a escrever que a viajar, tomei muitas notas como vai se ver (ANDRADE, 2002, p. 49).

Se repetiu a mesma sensação desagradável do ano passado quando parti pro Amazonas. Está provado que não fui feito pra viajar (ANDRADE, 2002, p. 180).

Ao mesmo tempo, o sublime das paisagens visitadas lhe atravessavam tanto que sua alma, maior que o próprio corpo, desencontrada, ficava ainda maior diante da grandeza do rio Amazonas. E assim, corcunda de alma, até mesmo seu paladar chegava a lhe trair a ponto de ser devorado pelo caju que ele mesmo comia. Se a natureza encontrada no norte e no nordeste do Brasil lhe era

generosa e sublime, ele a carregou em si por alguns anos (quase 15!) até que esta nos fosse devolvida através das páginas da literatura, na forma de **O turista aprendiz**. Se o paulista europeizado saiu menos paulista e menos europeizado dessas expedições, certamente o leitor, por intermédio de sua arte, não deixa de sair desta obra mais paraense, mais repentista, mais cheio de excessos de castro-alves, mais deliciado com os aromas e as cores da Amazônia.

Não sei, quero resumir minhas impressões desta viagem litorânea por nordeste e norte do Brasil, não consigo bem, estou um bocado aturdido, maravilhado, mas não sei... Há uma espécie de sensação ficada da insuficiência, de sarapintação, que me estraga todo o europeu cinzento e bem-arranjadinho que ainda tenho dentro de mim. Por enquanto, o que mais me parece é que tanto a natureza como a vida destes lugares foram feitos muito às pressas, com excesso de castro-alves. (ANDRADE, 2002, p. 59-60)

E se a experiência de deslocamento Brasil adentro amplia o rizoma de identidades do paulista Mário, não deixa de fazê-lo também com Lévi-Strauss, que se não chega a se tropicalizar, sai menos desuropeizado ao longo do curso de sua peregrinação pelos trópicos. Em ambos os casos, a busca pelo Outro e por outras paisagens revela-se consciente; a reação aos encontros com estes, todavia, é sempre uma surpresa, um choque. Embora as surpresas nem sempre sejam agradáveis, há tanto para Mário como para Lévi-Strauss uma paixão obstinada em sua busca. Uma certa obstinação pelo primitivo e pelo selvagem, que tanto atrai os etnógrafos. Sua busca é, então, consciente; Logo, se são estrangeiros, o são também por convicção, por missão, por escolha própria.

### 3 O antropólogo do espaço

Cabe-nos ainda ressaltar aqui que o tipo de etnógrafo que Lévi-Strauss se revela em Tristes trópicos é justamente aquele que coincide com o êxota do exotismo segaleniano. Trata-se de um etnógrafo que renuncia progressivamente a um ponto de vista meramente objetivo e descritivo, fazendo “l’aveu de sa propre subjectivité” (SEGALIN, 1978, p. 17), o que transforma o relato de sua experiência pelos tristes trópicos em relato de si mesmo. Conforme dissemos, nesse relato, sua profissão de etnógrafo é, a todo instante, questionada. Como se o fato de ser etnógrafo justificasse sua condição de estrangeiro e/ou vice-versa, o certo é que as estrangeirices de Lévi-Strauss parecem alimentadas pela escolha radical de sua profissão, que já se revelava ainda na infância:

1. Sem dúvida, desde a tenra infância eu me dedicara a uma coleção de curiosidades exóticas (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 51).
2. [...] eu me defrontava com a experiência vivida pelos indígenas e cujo significado fora preservado pelo envolvimento do observador. [...] Qual um cidadão largado nas montanhas, eu me inebriava com o espaço, enquanto meu olhar deslumbrado avaliava a riqueza e a variedade dos objetos (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 57).
3. A etnografia proporciona-me uma satisfação intelectual: como história que une por suas duas extremidades a do mundo e a minha, ela desvenda ao mesmo tempo a razão comum de ambas. (...) ela aplaca esse apetite inquieto e destruidor (...) garantindo à minha reflexão matéria praticamente inesgotável, fornecida pela diversidade dos costumes, dos usos e das instituições. Reconcilia meu caráter e minha vida (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 56).

### 4 Estrangeiro, um da Silva?

Quanto à possibilidade de aproximação de Luís da Silva com o etnógrafo belga e com Mário, vemos que a imobilidade em que Luís da Silva se encontrava no cenário urbano pode ser inclusive comparada à do cisne de Baudelaire, em **Les fleurs du Mal**.

Essa aproximação, ao nosso ver, é possível porque, em ambos os casos, tanto o cisne quanto o

protagonista de Angústia encontram-se em uma situação de estranhamento, e logo de exotismo, diante do cenário urbano, moderno, ao qual não estavam habituados por não lhe pertencerem. Dedicado a Victor Hugo, este poema engloba figurações do estrangeiro, envolvendo personagens que, de uma forma ou outra, sentem dificuldades de se adaptar em um cenário alheio, estranho.

O mesmo ocorre com Luís da Silva, que se sente exatamente como o cisne, como Andrômaca: inadaptado e atrapalhado com a vida que leva numa cidade que não é a sua. Seu desenraizamento, incompleto, pode ser percebido pelo constante assalto de lembranças que lhe sobrevêm, impedindo-o de avançar, de pegar um bonde e dirigir-se para onde deveria ir.

O bonde roda para oeste, dirige-se ao interior. Tenho a impressão de que me vai levar ao meu município sertanejo. (RAMOS, s/d, p. 23)

O bonde de sua memória o conduz invariavelmente para o passado como se dele quisesse fazer levantar os mortos. A viagem a essas paisagens esmaecidas pelo tempo talvez se justifique pela tentativa de juntar os pedaços de uma existência espalhada, entrecortada pela dor, pela miséria, pela falta da/de mãe, pela carência de afeto, pela ausência de reconhecimento profissional, enfim, pela própria insignificância. Mas, apesar de tentar carregar consigo, e dentro do próprio bonde, todo o seu sertão, sua tentativa não alcança êxito na medida em que esse mundo se revela definitivamente perdido.

Luís mostra-se atrapalhado como o cisne com o rebuliço e o ritmo inerentes à vida em uma cidade grande

Não, não é o sino da igreja, é o relógio da sala de jantar. Oito e meia. Preciso vestir-me depressa, chegar à repartição às nove horas. Apronto-me, calço as meias pelo avesso e saio correndo. Paro sobressaltado, tenho a impressão de que me faltam peças do vestuário [...] Estarei à porta de casa ou já terei chegado à repartição? Em que ponto do trajeto me acho? Não tenho consciência dos movimentos, sinto-me leve. (RAMOS, s/d, p. 32)

Nesse sentido, parece-nos sustentável a idéia de que, apesar de ter se exposto à circulação do mundo, Luís tinha os pés tão suspensos quanto os dos cadáveres que costumava ver degolados na época em que ainda morava no sertão, haja vista sua obsessão por pés, sapatos: ele sempre descreve as cenas a partir de um ângulo em que enxerga os pés de SUS vizinhos passando na calçada. Poderíamos então ainda afirmar que a experiência de deslocamento de Luís da Silva também resulta em um relato de si mesmo, sendo sublimada por meio da autoconfissão de sua tragédia, de seus tormentos e de seu próprio crime. Assim como Baudelaire empregou a imagem da plumagem branca de um cisne para ser enxovalhada pela sensação de se sentir fora de lugar, a ficção e a loucura parecem ter sido a saída para sublimar o espírito angustiado de Luís da Silva. Desse modo, este sertanejo e estrangeiro a si mesmo, pôde escapar à sua condição de rato de esgoto, colado às paredes da cidade, para retornar em meio a alucinações a sua Bebedouro, onde finalmente poderia, cercado de suculentos mandacarus, deitar-se com sua legião de estrangeiros.

## **Conclusão**

Como vemos, a experiência do deslocamento e a percepção do real circundante nem sempre produzam fábulas do lugar com final feliz ou moral da história. Fábula ou tragédia, o fundamental mesmo é perceber que, sem o exílio por que passaram Luís da Silva, Mário de Andrade e Lévi-Strauss, estes estrangeiros provavelmente não teriam afinado seu gosto pela errância (GLISSANT, 1990).

O fato de ser corcunda na alma e de andar dando cabeçadas por aí (para usar expressões de Mário de Andrade) por vezes faz de nosso turista aprendiz, de nosso angustiado retirante e do etnólogo e arqueólogo do espaço sujeitos que saíram de seu lugar, desejosos do Outro, sujeitos que

necessariamente estendem sua experiência de deslocamento no espaço para uma poética da relação, na qual suas identidades, antes enraizadas no Mesmo, se alargam pela relação com o Outro:

*La notion de rhizome maintiendrait donc le fait de l'enracinement, mais récuse l'idée d'une racine totalitaire. La pensée du rhizome serait au principe de ce que j'appelle une poétique de la Relation, selon laquelle toute identité s'étend dans un rapport à l'Autre (GLISSANT, 1990, p. 230).*

Dessa forma, em menor ou maior grau, todos eles podem ser considerados, além de estrangeiros, exotes ou voyageurs-nés, pois não vêem o exotismo como celebração, reverenciando a paisagem sem, contudo, incorporá-la, mas, sim, como “percepção compartilhada em que, fluido[s] e fragmentário[s], [esses] sujeito[s] colhe[m] da diferença dos trópicos a semente fertilizadora do próprio imaginário” (SILVA, 2003). Ao recusarem a raiz única e totalitária do Mesmo, tanto Mário quanto Lévi-Strauss e Luís da Silva opõem-se a esta raiz, fazendo com que, dessa oposição, irrompam identidades rizomáticas, forjadas pelo calor da poética da relação que só podem sentir os estrangeiros que se sentam à mesa do Outro.

Assim, desenhado um triângulo produzido pela leitura simbólica pelas obras analisadas, visualizamos, em dois de seus vértices, Mário e Luís da Silva em uma relação de complementaridade que tem, na oposição, seu ponto de partida. Oposição porque o primeiro sai do mundo urbano em direção ao norte/nordeste do Brasil, ao passo que o segundo sai do sertão nordestino rumo ao universo das metrópoles. E complementaridade pelo fato de ambos se sentirem estrangeiros em seu próprio país. Na outra ponta do triângulo, por sua vez, identificamos, em Tristes trópicos, não apenas a leitura antropológica do Brasil tropical pela perspectiva de um estrangeiro de fato (no que concerne à nacionalidade não-brasileira de Lévi-Strauss), mas também a construção de um discurso que, como os de Mario e Luís, revela-se extremamente autorreferencial.

Evidentemente, como a noção de estrangeiro de Kristeva não enfatiza a questão da nacionalidade como primordial para a sensação de estranhamento a que todo sujeito está exposto diante de outros lugares e/ou culturas, talvez não seja preciso asseverar que as estrangeirices de Lévi-Strauss, Mário e Luís da Silva relacionam-se, de modo mais privilegiado, com a ordem de suas paisagens interiores do que propriamente com o direito sangüíneo do solo.

Mais do que estabelecer uma aproximação entre O turista aprendiz, Angústia e Tristes trópicos, visamos analisar o modo como nestes textos, a geografia visitada/vivida foi concebida como aquilo que Glissant chama de “le tendre lieu de l'amant et de l'amant, le dur enjeu du travail, l'interjection de la souffrance que surajoute au réel”. Cada um deles anunciou, de forma mais ou menos profunda, “la partage e la Relation” (GLISSANT, 1990, p. 32).

Essa incapacidade de compreender o ex-ótico, revelada nos textos analisados e por frases de Mário como “Não consigo descrever!”, vem bem ao encontro do exotismo de Segalen, que defende a inadaptação ao meio exótico como algo plenamente prazeroso ao se conceber o Diverso. Um exotismo, aliás, que não é, segundo Segalen, este estado caleidoscópicos do turista e do medíocre espectador, mas sim a reação viva e curiosa diante do choque de uma individualidade contra uma objetividade degustada e percebida a distância. Nesse sentido, o exotismo de Segalen não consiste em uma adaptação ao exótico, mas em uma percepção aguda e imediata de uma incompreensibilidade eterna.

E é justamente nesse entrecruzamento das paisagens física e íntima (de espaços reais e subjetivos) que o encontro, utopia de todo estrangeiro, pôde, finalmente, ter lugar.

Pela análise das obras do corpus, concluímos que o deslocamento no espaço pode ser considerado como algo que possibilita a experiência de uma travessia radical pela paisagem interior. Essa reconfiguração só é possível na medida em que, ao se deslocar, o sujeito acaba sendo afetado por um processo de desenraizamento identitário, que muitas vezes faz irromper uma identidade rizomática, que “n'est plus toute dans la Racine, mais aussi dans la Relation” (GLISSANT, 1990, p.

31). Nesse sentido, o produto do entrelaçamento dos espaços de fora e de dentro não deixa de ser o entrecruzamento de alteridades, estabelecendo-se, assim, uma poética do lugar, uma transgeografia onde habitam o estrangeiro e o seu desejo pelo Outro.

Assim, a façanha empreendida por nossos estrangeiros, no trânsito dos trópicos ao poético, transforma a leitura de *Angústia*, *O turista aprendiz* e *Tristes trópicos* em um convite a toda uma legião de estrangeiros não apenas para uma viagem pelo norte e nordeste do Brasil ou a uma incursão pelas tribos indígenas brasileiras, mas, sobretudo, a um verdadeiro ritual de hospitalidade. No banquete de relatos que nos é oferecido, tanto os lugares visitados se invertem (Veneza pode assumir ares de Santarém, assim com Belém bem pode se parecer com o Cairo), quanto a natureza é humanizada, e, os homens, animalizados. Além disso, deparamo-nos, no contato com estas obras, com um entrelaçamento de alteridades que, eventualmente, torna difícil, mas não impossível, a distinção entre o Mesmo e o Outro, entre um brasileiro e um estrangeiro. Cabe-nos lembrar ainda que, nesse jogo de inversões, tal entrecruzamento só se faz possível na medida em que a errância no espaço geográfico desloca e põe fora-de-lugar todo aquele que lhe ousa atravessar. Mas isso não deve, de forma alguma, intimidar aqueles que decidem se aventurar pelo espaço... porque se a geografia é imensa, menorimensidão não têm aqueles que a atravessam.

## Referências Bibliográficas

ANDRADE, Mário de. **O turista aprendiz**; estabelecimento do texto, introdução e notas de Telê Porto Ancôna Lopez. Belo Horizonte, MG: Itatiaia, 2002.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo, 5 ed.: Martins Fontes, 2000.

BESSIÈRE, Jean. Cendrars: lieux et frontières. In: Chefdor, Monique. **La fable du lieu** (études sur Blaise Cendrars ). Paris: Champion, 1999.

GLISSANT, Édouard. **Poétique de la Relation**. Paris. Éditions Gallimard, 1990.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Trad. Maria Carlota C. Gomes Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**; tradução de Rosa Freire d'Aguiar. - São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

RAMOS, Graciliano. **Angústia**. 10 ed. São Paulo: Martins, (s.d.).

SEGALEN, Victor. **Essai sur l'exotisme : une esthétique du divers [et textes sur Gauguin et l'Océanie]**; préf. par Gilles Manceron. – Paris: Fata Morgana , 1978.

SILVA, Maria Luiza B. da, Estudos Comparados: literatura, cultura e deslocamentos. In: COLÓQUIO SUL DE LITERATURA COMPARADA, II. 2003. Porto Alegre/RS, CD-ROM **Anais...** Porto Alegre/RS: Abralic, 2003, CD-ROM.

## **iAutor**

**i Cristiane Marques Machado, Profa. Msc, doutoranda(UFRGS)**  
Universidade Federal do Pará (UFPA)  
Instituto de Letras e Comunicação  
Faculdade de Línguas Estrangeiras Modernas  
cristiane@ufpa.br